

10<sup>a</sup> CONFERENCIA  
DA  
CATHEDRAL DE MANÁOS

---

**O EGYPTO**

Pelo Coronel

**Bernardo de Azevedo da Silva Ramos**

*Natural do Amazonas*

Socio honorario do Instituto Historico e Geographico de São Paulo.  
Socio Correspondente da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro e da de Lisbôa.  
Socio do Instituto de Historia Internacional de França.  
Vice-Presidente do Jury Internacional de Grupo e de Classe da Exposição  
Universal e Internacional de Bruxellas.



PARIS  
IMPRIMERIE PAUL DUPONT  
4, RUE DU BOULOI, 4

—  
1912







10<sup>a</sup> CONFERENCIA

DA

CATHEDRAL DE MANÁOS

O EGYPTO

Pelo Coronel

**Bernardo de Azevedo da Silva Ramos**

*Natural do Amazonas*

Socio honorario do Instituto Historico e Geographico de São Paulo.

Socio Correspondente da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro e da de Lisboa.

Socio do Instituto de Historia Internacional de França.

Vice-Presidente do Jury Internacional de Grupo e de Classe da Exposição  
Universal e Internacional de Bruxellas.



*Ao professor Mario Ypiranga  
Monteiros, oferece a Sociedade  
de São Vicente de Paulo*

*Manaus, 8-IV-45*

*Julio Pereira de Aguiar  
Presidente do  
Conselho Particular*

PARIS

IMPRIMERIE PAUL DUPONT

4, RUE DU BOULOI, 4

1912







## INTRODUÇÃO

---

*Esta é a 10ª Conferencia que se tem realisado no Consistorio da Cathedral de Manãos, sob os auspicios da benemerita Sociedade de S. Vicente de Paulo. Tem sido um verdadeiro acontecimento a serie dessas Conferencias notabilissimas em que têm tomado parte conspícuos homens de lettras da nossa capital, ao mesmo tempo que se affirma, com a prova irreductivel dos factos, a mais absoluta harmonia existente entre a Fé e a Sciencia.*

*Assumptos da mais elevada importancia hão sido discutidos e expostos por eruditos intellectuaes que honram sobremodo a nossa cultura.*

*Ainda estão na memoria de todos os successos obtidos pelas brilhantes Conferencias da Cathedral de Manãos, inspiradas por S. Ex. o Snr. D. Frederico Costa, o sabio e apostolico Bispo do Amazonas, que revela assim seu esclarecido amor pelas boas lettras e pela Sciencia.*

*Ja se fizeram ouvir nestas Conferencias os nomes laureados do Dr. Francisco de Assis Bezerra de Menezes, do Dr. Alcedo Marrocos, que fez uma serie notavel de tres brilhantes Conferencias, do Dr. Romulo de Avellar, do Dr. Themistocles de Araujo, do Dr. Tristão de Salles e do joven Renato Vianna. Agora é impressa a 10ª, do illustrado Coronel Bernardo de Azevedo da Silva Ramos sobre o EGYPTO.*



*E'uma monographia interessante e completa esta Conferencia que ora se publica e que pela sua importancia scientifica não deve absolutamente ficar limitada ao auditorio que a ouvira. O virtuoso e erudito Snr. Bispo do Amazonas D. Frederico Costa houve por bem mandar imprimir esta Conferencia que sobre o Egypto fez o digno Amazonense Coronel Bernardo Ramos.*

*Certamente os competentes darão o devido valor a este trabalho que vem honrar sobremodo o Amazonas intellectual.*

*O Coronel Bernardo Ramos não é um desconhecido : a operosidade de sua alta capacidade intellectual se tem affirmado em delicadas commissões que ha exercido, conservando sempre a linha recta do patriota e do homen de bem.*

*A este digno Amazonense se deve a notavel collecção numismatica que enriquece a nossa Bibliotheca Publica e para mostrar o grande valor dessa collecção basta dizer que é considerada a 4ª collecção numismatica do mundo.*

*Manáos, 10 de Junho de 1912.*



EX<sup>mo</sup> SNR. BISPO DO AMAZONAS,  
MEUS SENHORES,

*Egypto.* — Eis, Senhores, o thema que mais por instancias de um illustre amigo do que por competencia minha, coube-me desenvolver nesta serie de conferencias, presididas pelo nosso muito illustre e virtuoso Bispo, D. Frederico Costa.

Egypto, o Misrain dos hebreus, o Elkhabit dos Turcos, o Masr dos Arabes, paiz essencialmente original, cuja serie de investigações, remontando o seu vasto passado, tem enriquecido a sciencia e as artes: entretanto, muito de precioso encerra ainda a compulsar e admirar.

Não sómente os sabios convergiram para este centro mysterioso, como uma progressão semelhante entre os proprios indios. Inspirados pelo espetaculo de uma natureza gigantesca impulsionada pelo Nilo, multiplicada ao infinito no tempo e no espaço pelas suas crenças, elles excavaram nas rochas e no solo coberto de areias, accumuladas pelos ventos dos desertos, monumentos immensos e riquissimos em ornatos, que deviam reclamar a cooperação e os esforços de muitas gerações.

E foi assim que os egypcios começaram a ter suas tradições allegoricas e épicas, encerradas pelos seus padres como preciosissimos thesouros em grossos rolos de papyros, mas que foi infelizmente tudo destruido pela voragem do tempo.

Moysés, apresenta-nos, não uma historia, mas uma pintura fiel do Egypto do seu tempo. Os historiadores hebreus que se seguiram a Moysés, não falam do Egypto senão quando a historia deste, está enlaçada nos acontecimentos com os da sua nação.

O escrupuloso Herodoto, viajando neste paiz perto de 60 annos, depois de terem os Persas derribado o throno dos Pharaós, recolheu dos padres de Memphis, algumas informações; mais tarde Diodoro de Sicilia tambem as obteve dos sacerdotes de Thebas, finalmente Manethon, padre e grammatico dos recintos sagrados do Egypto, de raça sebenitica, Cidadão de Heliopolis, escreveu no reinado de Ptolomeu Philadelpho, um tratado sobre o Egypto do qual uma parte tradusida por Eusebio, foi conservada, assim como alguns fragmentos do judeu Josepho.

Estes tres historiadores dirigiram-se pois, aos tres fócios da sciencia egypcia, isto é, aos templos de Memphis, de Thebas e de Heliopolis, cujos sacer-



dotes haviam conservado memorias dos acontecimentos, memorias que elles occultaram ao vulgo, ou que falsificaram para os curiosos. Obscuros, ou quasi indecifráveis ainda os hieroglyphos, pouco podiam adiantar os tentames de Herodoto, como Diodoro, que trata por sua vez de fabulosas as informações d'aquelle, cita Cadmo, Hellamco, Hecateo e outros escriptores hoje perdidos; foi porem igualmente illudido pelos padres, enganados talvez elles mesmos pela diversidade de interpretações a que estavam sujeitos os escriptos e os symbolos sagrados. » « Nem de outro modo se pode conceber a vida de um Paiz, *onde contam-se os seculos amontoados sobre os seculos, como ruínas sobre ruínas!*

« Quantas contradicções !

E assim relativamente aos reis menos celebres e mais antigos! Lisonjeavam-se de se immortalisarem por meio de edificios eternos, e o nome dos fundadores das pyramides nem mesmo sobreviveu!... »

Em semelhante phase, a favor da sciencia em seus variados predicados, affluu então ao campo das investigações, que não fora senão o Egypto, voltando-se para elle as vistas e o labor dos sabios mais notaveis de todas as Nações, com maior ardor e interesse.

A fertilidade de assumptos archiologicos, ethnographicos, paleographicos, historicos, chronologicos, mythologicos, etc., a par das artes, não deixam de impulsionando o engenho humano, abrir campo vasto a um scenario magestoso, cantado pelos poetas e historiadores, gregos e romanos e tantos outros, que alli deixaram no granito, suas bellas producções, inspiradas pelas tres encantadoras regiões do baixo, medio e alto Egypto.

Graças aos esforços e profundos conhecimentos desses grandes obreiros das sciencias et das artes, foram dissipados os mysterios em que estava envolto o Egypto.

Os hieroglyphos, que tanto interessaram a S. Clemente de Alexandria, diante dos quaes, a multidão, só sabia admirar suas extravagancias phantasticas, ora esculpidos sobre as pyramides, nos templos, nos hypogeus, sobre os obeliscos, e ora sobre as caixas e nos involucros das mumias, tiveram mais ou menos a sua decifração. « E, assim, essa variedade de signaes: linhas rectas, curvas et quebradas, e como a natureza não bastasse, ainda formados por productos da imaginação, quadrupedes com azas, homens com cabeças de animaes, etc., tiveram o seu devido valor *alphabetico, syllabico e determinativo*, cujo successo em grande parte deve-se ao celebre Champallion, se bem procure-se ainda dar-lhes certa interpretação ou certo gráo de exactidão. Os antigos egypcios conheciam pois, dois systemas de escriptura: a *hieroglyphica*, cujos elementos eram essas imagens de objectos reaes tirados do mundo exterior, desde os astros do firmamento até os mais infimos detalhes das cousas sob as vistas do homem; a



*cursiva* derivada da primeira e dividida de tres modos : a *cursiva* propriamente dita ou *linear*, a *hieratica* e a *demotica* tal como determinara S. Clemente. » A escriptura hieroglyphica era ao mesmo tempo *ideographica* e *phonetica*.

No primeiro caso o signal devia ser a representação do objecto significado, ou o symbolo deste objecto.

Assim o velho apoiado a um bastão, significava a *velhice*; o homem armado significava a *força*, a *acção*, ou mesmo o simples braço armado, bastava para exprimir esta idéa. No segundo caso, o signal não tinha com o objecto significado, senão relação de som, como no enigma : assim o cysne, lia-se *si* — a aguia — *a*, o mocho — *m* — e nada mais.

Os signaes phoneticos eram de duas formas : uns syllabicos, exprimiam *sons complexos* (syllabas e diphthongos) outros alphabeticos, *sons simples* (vogaes e consoantes).

A escriptura hieroglyphica era principalmente reservada aos monumentos.

Em certos casos os escribas simplificavam-n'a por meio de linhas recordando mais ou menos a estructura dos typos primitivos.

Esta deformação tachigraphica da escriptura hieroglyphica, continha o germen das escripturas *cursivas* propriamente ditas e *hieraticas* e *demoticas*.

Na primeira os caracteres conservam ainda uma vaga forma dos hieroglyphos, apesar das abreviações e ligaduras ; na segunda os traços são cortados e de tal maneira simplificados que muitos acabam por confundir-se em um só.

Os hieroglyphos finalmente escreviam-se da direita para esquerda, da esquerda para direita em columnas regulares e em columnas retrogradadas ; os traçados das escripturas hieratica e demotica, eram mais geralmente horizontaes e no sentido da direita para esquerda. No seculo VI da nossa era a escriptura demotica começou a cahir em desuzo e sob a influencia dos gregos, cuja lingua tinha-se tornado familiar aos egypcios, estes adoptaram o alphabeto grego para transcrever sua propria lingua e como não bastassem as 24 letras gregas para exprimir todos os sons egypcios, conservaram do seu alphabeto demotico apenas sete letras. E' certo, porém, que a sciencia egyptologica moderna, não tem cessado de se occupar dos hieroglyphos e Lepsius, Letronne, Rangé, imprimiram-lhe bastantes progressos, que ainda assim, não conseguiram levá-la á perfeição.

\*  
\* \*

A religião Egypcia encerra um assumpto vasto, occupa tão importante lugar na sua historia, que torna-se difficil no seu decurso estabelecer a differença entre o sagrado e o profano. Os deuses affluem de todos os lados, sena



fallar do enorme contingente fornecido pelo tempo e pelo tumulo, cuja nomenclatura chega a ser infinita; encontram-se estreitamente ligados a todo proposito, aos actos da vida publica e privada e nada se poderia comprehender do antigo Egypto, se não se começasse por comprehender seus deuses.

Cada districto e mesmo cada localidade teve os seus. Eram elles a personificação das forças e dos principaes aspectos da natureza, o céo, os astros, os phenomenos celestes, o Nilo, a terra productora, um grande numero de animaes, arvores, mineraes, etc., attribuindo mesmo a crença popular poderes até a simples objectos fabricados. Em taes conjecturas felizmente, seja-nos dado dizer que Herodoto, Plutarcho, Jamblico e outros, encontraram a unidade de Deus, no fundo da religião egypcia, referindo a seguinte inscripção de um templo : « *Eu sou aquelle que é, foi e será; nenhum mortal levantou ainda o véo que me occulta.* »

Quanto a cosmogonia propriamente dita dos egypcios está-se redusido a conjecturas. Consideraram *Phtah* como creador do mundo. Segundo Eusebio, Porphyrio e Rufino, o deus Phtah saira de um ovo produsido por Cneph, que se tornou Ammon, nos baixos seculos da civilização egypcia.

Os egypcios representavam principalmente as suas divindades debaixo de tres formas : 1<sup>a</sup> a forma humana ; 2<sup>a</sup> a forma humana dominida pela cabeça do animal que especialmente se adorava ; 3<sup>a</sup> a forma animal com os attributos divinos que se lhe suppunham. Entre os animaes, a raça bovina tinha o privilegio de um culto muito extenso; adoravam-se tres especies de bois : Mnévis, Onuphis e Apis. Nada se sabe dos primeiros, e, se se conhece melhor Apis, ignora-se o que o distinguia dos outros. Mnévis era adorado em Heliopolis, e devia ser preto com o pello erriçado; Onuphis, adorado em Hermonthis, era propriamente o genio bom, o anjo da guarda de cada um, pelo menos na epoca grega: Apis, devia ser negro com um triangulo branco na testa, uma meia lua branca ao lado direito e uma nodoa comprida em forma de escaravelho debaixo da lingua.

Diziam-n'o nascido de uma vacca fecundada por um raio de luz celeste; era sua residencia um palacio sumptuoso, e nos dias de festa mostravam-n'o ao povo.

Era, segundo a tradição, o symbolo de Osiris.

O Ibis, especie de cegonha, era tambem objecto de culto dos egypcios e como Apis, recebia as maiores honras; sustentava-se de serpentes sobre a margem do Nilo, annunciava as cheias com a sua appareição; attribuiam-lhe uma pureza virginal, uma inviolavel affeição ao paiz natal, a ponto de se deixar morrer de fome quando o transportavam para fóra d'elle; conhecia as phases da lua e regulava o seu alimento na sua proporção.



Os egypcios o creavam no recinto dos templos, e o deixavam andar livre pela cidade; matal-o, mesmo involuntariamente, era um crime capital, e dizia-se que se os deuses houvessem de tomar uma forma, seria a do Ibis.

Pela sua morte, era embalsamado com tanto cuidado como se empregava para preservar da corrupção o corpo d'um pai ou mãe; por isso se encontra um grande numero nos tumulos, e infinitamente multiplicada a sua figura sobre elles.

\*  
\* \*

« A arte egypcia era muito pouco conhecida e muito pouco apreciada ha um seculo.

Não ha arte contudo mais digna de ser estudada: nenhuma nos surprehende mais. Numerosos e vastos monumentos, ainda de pé, documentos irrecusaveis fazem subir a sua origem, a tempos ácerca dos quaes a historia só tem colhido narrativas fabulosas. Espantosa, formidavel desde as suas primeiras creações, durante 40 seculos, proseguiu nas suas gestações cyclicas.

O seu genio austero, inflexivel, cheio de rudeza, nada fez para encantar, para distrahir, para alegrar a vista; limitou-se a impressionar o espirito com idéas de duração, de grandezas e de poder. Repetiu, com premeditada monotonia, os mesmos typos, as mesmas scenas, os mesmos modelos; encerrou-se quasi exclusivamente na representação dos deuses e dos reis.

Para dizermos tudo, a arte no Egypto foi apenas um auxiliar da theocracia, um instrumento do dominio religioso e politico. Demais, não lhe faltou nem a sciencia nem a imaginação: os seus mais antigos monumentos espantam os nossos architectos, pela audacia e pela harmonia das suas proporções; muitos de seus pormenores foram imitados em outras paizes, principalmente entre os gregos e os etruscos; estes ultimos apresentam até nas suas artes, analogias tão notaveis com os egypcios, que se chega a suppor que os etruscos seriam uma colonia egypcia estabelecida na Italia, nos tempos préhistoricos.

Os egypcios não consideravam suas construcções acabadas, emquanto não estavam cobertas de hieroglyphos, de quadros historicos e tudo adornado de côres tão bem preparadas, que depois de tantos seculos dir-se-hiam applicados de hontem.

O caracter mais saliente dos monumentos do Egypto, architectura, pintura, esculptura é finalmente a sua amplitude desmedida, synthetisada por toda a parte.

\*  
\* \*

Tendo passado de relance as vistas sobre o que refere a historia e nos interessa, com relação ao Egypto, em sua generalidade, trataremos agora de



particularisal-o no que resta de suas antiguidades e de sua nova feição, auxiliados por nossa observação visual.

Refeitos dos estragos originados pelo tempo, os monumentos egypcios retomaram alguns o seu primitivo character, digno de admiração e pasmo, em quanto muitos como cidades inteiras, desappareceram infelizmente por completo, como Memphis e Heliopolis.

Alexandria por exemplo, foi uma das cidades, quasi aniquilada em suas preciosidades, de modo que, dos seu maravilhoso passado, possui apenas grata lembrança. Dessa opulencia, vêem-se ainda as ruinas dos monumentos arabes : fortificações e mesquitas ; catacumbas romanas com singularissima profundidade ; os pretendidos Banhos de Cleopatra, que não apresentam grande curiosidade, são hypogéos, que na antiguidade davam para a margem do mar, hoje destruidos e gastos pelas correntes do porto, assim como vestigios apenas dos notaveis obeliscos ou agulhas d'aquella celebre rainha, erigidos, outrora diante do Templo de Cesar.

Dois obeliscos refeitos, e a Columna de Pompeu ou Deocleciano, eis o que vê-se de notavel, de seu perdido esplendor. Esta columna de um bello granito encarnado escuro e de elegante estylo. Contem a inscripção grega sobre a parte occidental da baze, mais visivel quando a projecção do sol sobre ella se faz sentir, assim concebida : « Erigida pelo Prefeito do Egypto Pompeu, em honra do Imperador Deocleciano, depois da victoria obtida em 296, sobre Achilléo, que depois de 5 annos tomou no Egypto o titulo e as insignias da dignidade Imperial. »

A maior parte dos objectos preciosos salvos, acham-se recolhidos no Museu, attestando, com effeito, o valor progressivo das artes, naquelles pre-conisados tempos.

Alexandria que deve sua fundação em 332 antes de Jesus Christo, a Alexandre o Grande, foi por muito tempo o centro predileto, ou *rendez-vous*, dos marinheiros phenicios. Este local denominado Rakotis, não era a principio se não um velho burgo egypcio sem importancia. Os pharaós, ahi postaram uma guarnição permanente para interditar os estrangeiros, admittidos somente no Egypto pelo porto de Nankratis e a bocca Canopique do Nilo (fóra de Nankratis, o Delta, não havia senão dois ; Tanis e Peluse, situados na extremidade oriental).

Em frente ao porto de Rakotis, estendia-se a ilha de Pharos, como um immenso quebramar. Depois da tomada de Memphis, Alexandre seguindo a costa para dirigir-se ao Oasis d'Ammon reparou na excellencia desta posição para estabelecer um porto que estivesse de alguma forma em relação com o resto do mundo. Os planos da futura cidade foram então traçados pelo archi-



tecto Dinocrate, o mesmo que celebrisou-se pela reconstrução do templo d'Efeso, queimado por Erostrato. Os trabalhos começaram immediatamente mas a cidade só veio a ser concluída sob o reinado de Philadelpho. Proseguindo resumidamente esta narrativa diremos : foi sob o reinado dos Ptolomeus, que Alexandria attingiu o apogeu de sua grandeza.

Apesar de sua profunda crise commercial, industrial, agricola e revolucionaria, no seguinte periodo d'este reinado, ella nada perdeu de sua antiga importancia : sua população seguiu em progressivo augmento ficando sempre a grande Capital cosmopolita, adornada de todas as curiosidades e todas as elegancias do mundo antigo. Sob o dominio Romano, novo periodo progressivo operou-se ainda : o commercio attingiu um desenvolvimento até então desconhecido, originado pelas relações estabelecidas com as Indias ; a população 500.000 habitantes, 200.000 volumes a sua notavel bibliotheca, tornando-se Alexandria a segunda cidade do Imperio Romano.

Nova phase porém veio no 3º seculo de nossa era, atrophiar um tal successo, melindrado pelo genio rixoso de seus habitantes, que trouxe a distruição da Cidadela, do bairro Brukhim e dos seus esplendidos monumentos. Em 389, Theodoro fez demolir o templo de Serapis, depois de encarniçados combates, sendo a bibliotheca saqueada por completo. Em Dezembro de 641, o conquistador Amir apoderou-se da Cidade, depois de um cerco de 14 mezes.

Apesar dos revezes de 4 seculos, Alexandria, conservava ainda bellos vestigios de seu primitivo esplendor !

Segundo a tradição, Amir escrevendo ao Kalifa Omar, dizia-lhe ter encontrado nesta immensa Cidade 4.000 palacios, outros tantos banhos publicos, 400 circos para divertimentos publicos e 1.200 jardins.

40.000 judeus n'ella habitavam um bairro separado.

A sua maior opulencia era devida a seu commercio com o mundo, sobre tudo com o Oriente, se bem fosse tambem o fóco das artes e das sciencias da civilisação grega. Já muito decrescida sob os Imperadores de Constantinopla esta fonte de riqueza, mais ainda fôra depois da conquista Arabe no IX seculo, como tambem rapidamente, aconteceu com relação á sua população.

Neste periodo Alexandria esteve ainda relativamente prospera ; a descoberta do Cabo da Boa Esperança, porem, abrindo um novo caminho ao commercio da India, e 20 annos máis tarde, a conquista do Egypto pelos Turcos, poseram termo a tudo. Desde esse momento a queda de Alexandria foi rapida e a sua ruina quasi completa, ficando redusida de 500.000 a 6.000 habitantes !

Alexandria de hoje, por tanto, não é mais que um pallido reflexo do seu magestoço passado, apesar de participar de todos os progressos do seculo actual.



Os grandes paquetes das mais importantes linhas de navegação, são os medianeiros do notavel valor ainda do seu concorrido porto.

A cidade tem como principal centro de reunião, a Praça Mehemet-Ali, formada de um vasto parallelogrammo, ornada de dois vistosos chafarises e cercada de linhas de arvores.

Ao centro contem a estatua equestre em bronze do vice-Rei Mehemet-Ali, executada por Jacquemart.

Bellos edificios circundam a praça, entre elles; os palacios Fossizza que servem successivamente de sede á Antiga Municipalidade, o da justiça, o da Bolsa e dos trabalhos mixtos da Corte de Appellação; communica com as ruas do Correio Francez, Igreja Inglesa, Avenida Ramléh, Tewfik Pachá, etc. Possui um importante Museu, jardins, praças et varios estabelecimentos publicos.

O movimento commercial, bancario e industrial, agitado por uma população de 60.000 habitantes de todas as nacionalidades, dá a Alexandria, um cunho prospero, sempre cosmopolita, com preponderancia todavia, dos habitos e costumes originarios do Paiz.

\*  
\* \*

Vamo-nos deter ligeiramente sobre a pequena mas historica *Rosetta*, a antiga Bolbitinum, Rachid dos Arabes, cidade do baixo Egypto. E'de apparencia decadente por ser privada do seu antigo florescente commercio, pela falta de comunicação dos navios, hoje impossibilitados de subir o Nilo até o ponto em que ella está situada.

Deve sua fundação em 870, aos Arabes, perto do local em que existira outrora Bolbitina e por isso chama-se a bocca do principal braço occidental do Nilo *Bolbetica*. Não escapou das antigas conquistas e assim fora tomada pelos Francezes em 1798, sendo depois forçados a restituil-a aos Turcos.

Dá-se geralmente o nome de inscripção de Rosetta, á que fora gravada n'uma pedra de granito, descoberta neste local em 1799, pelos Francezes, em suas expedições. Essa importante inscripção, que existe hoje em Londres, fora executada em tres linguas e á qual já nos referimos atraz, data do anno 193, antes de Christo, época em que Ptolomeu subiu ao throno e refere o que se passou durante a menoridade desse principe. Foi este monumento que deu a Champollion a chave dos celebres hieroglyphos.

\*  
\* \*

A 170 kilom. de Alexandria está situado *Cairo*, capital do moderno Egypto, denominado entre os Arabes Mauf, Misr, Bolbioun, Fostat e El-Kahira,



de onde originou-se o nome que tem actualmente, existindo ainda hoje nesta cidade os bairros que conservam as antigas denominações de Baboul e Fostat.

De Fostat, vamos referir a curiosa lenda sobre sua fundação, por Amr-ibn-el' As, general do Kalifa Omar, no anno 640 da nossa era, depois da tomada da fortaleza denominada *Babylonia*, situada no cume do Mokattam, ao Nordeste de Memphis. O campo deste general, occupava o espaço comprehendido entre a fortaleza e o Nilo, em frente á ilha de Ródah :

No momento de levantar o acampamento, verificou-se que du as pomba tinham feito ninho sobre a tenda do general ; este ordenou que assim fosse conservada até sua volta, afim de não desabrigar tão calmas como innocentes companheiras de campanha. Esta tenda tornou-se o centro de reunião das tropas victoriosas ; cabanas ás quaes succederam confortaveis habitações, formaram uma cidade militar, toda musulmana a qual conservou o nome de Fostat (a tenda), mas que não tardou tomar em sua qualidade de metropole o nome tradicional de Masr, que servia de capital ao Egypto.

Amir cercou a nova cidade de muros, fez construir uma mesquita ; mas, por um acto de sabia politica, não excluiu d'ella os coptas e permittiu-lhes o livre exercicio de seu culto. Foi assim que depois, igrejas e conventos foram levantados ao lado da primeira mesquita.

« Cairo presentemente é um centro de commercio de 1<sup>a</sup> ordem e a este ponto acodem os mercadores da Europa e de todo o littoral septentrional da Africa, vindo estes ultimos por Alexandria.

As caravanas de Marrocos, d'Algeria e de Tunes tambem ahi trazem os seus artigos levando em troca estofos da India, gommas, perfumes, armas, etc. como as de Damasco, do alto Egypto, da Nubia, da Abyssinia, todas trazem ao mercado de Cairo os seus productos e é por esta capital que actualmente passa o correio do Oriente.

Alem do seu importante commercio o Cairo é tambem notavel pelo grande numero de estabelecimentos industriaes que hoje possui para cujo desenvolvimento muito concorreram Mehemet-Ali e seu filho Ibraim.

Na capital do Egypto encontra-se tambem escola polytechnica, de medicina, de veterinaria, de artes e officios e de linguas vivas, alem de seu vasto e notavel museu d'antiguidades.

Tem quatro grandes praças a mais notavel das quaes, fica no bairro europeu e tem o nome de Esbehyeh.

D'ella parte o Mausky, grande e bonita rua guarnecida de excellentes lojas e perto da qual se encontram os Bazares, que são uma das maiores curiosidades de Cairo.



A *Cidadela* é por assim dizer uma pequena cidade isolada da grande, sobre um outeiro na falda do qual corre o Nilo. Foi o celebre Saladino que commeçou esta fortificação no centro da qual edificou um Palacio e uma Mesquita que arrasados pela explosão de um paiol em 1823, foram levantados de novo par Mehemet-Ali.

E' na Cidadela que reside o governo e que se encontram os palacios dos Ministros, Casa da Moeda, Fundição de Canhões, Escola militar, etc.

Nada de notavel no exterior tem o palacio do vice-rei, mas no interior acha-se um verdadeiro cahos de riquezas. A Mesquita acabada ha poucos annos, contem o tumulo de Mehemet.

Na Cidadela, admira-se ainda o poço de José, aberto na rocha com uma profundidade de 93 metros, e um aqueducto que traz a agua do Nilo.

Na encosta da colina em que fica a cidadela existe uma casa de aspecto pobrissimo em que, segundo a tradição, se acolheu a SS. Virgem quando teve lugar a degolação dos innocentes.

Ha no Cairo mais de 400 mesquitas entre as quaes são dignas de nota : a de Amzan fundada em 642, segundo o modelo da de Méca, e que sendo uma das melhores producções da arte Arabe, está hoje abandonada.

Antigamente lia-se nas paredes desta mesquita todo o Alcorão em letras de ouro e 1.500 lampadas illuminavam as suas galerias, gastando 11.000 quintaes de azeite por noite.

A mesquita de Touloun edificada em 877, que foi riquissima, mas está hoje em deploravel estado; a de El-Azhar, eregida em 972, a mais estimada por excellencia, onde vão instruir-se na theologia e jurisprudencia do islamismo individuos de todo o mundo mussulmano e onde todas as nações mahamotanas teem quartos e bibliothecas para os seus estudos.

O ensino é gratuito e comprehende, grammatica, rethorica, logica, theologia, exposição do Alcorão, jurisprudencia, arithmetica, algebra e calculo do calendario.

O numero de alumnos regula por 1.500, sendo 300 cegos sustentados pela mesquita.

Cairo conserva ainda tanto de suas originalidades, ou cousas peculiares ao Paiz, que torna-se por isso curiosissimo, offerecendo ao viajante motivos para detidas observações.

E' aqui que mais se extrema o modo de trajar das mulheres, que trazem um appendice sobre o nariz, deixando apparecer apenas os olhos e o dos homens, com tunica e turbante.

Temos de deixar Cairo, moderno com o seu alentado progresso, para vol-



tarmos as vistas aos seus arredores, fonte de preciosissimos assumptos, desde a mais remota antiguidade.

\*  
\* \*

E'assim que passamos a *Heliopolis*, uma das cidades mais celebres e antigas do Egypto, cujo nome religioso é *Pi-Rã* e o popular *Oûnou*, *On*, muitas vezes mencionado na Biblia.

Heliopolis figura em toda linha como cidade principal de um dos Cantões do Baixo Egypto, mas não parece ter tido grande importancia politica e não elevou-se nunca, pelo menos durante o periodo historico, ao grao de Capital.

Seu papel foi antes religioso; mas foi neste ponto de vista tão preponderante que é admitido hoje que nenhum dos maiores santuarios do Egypto exerceu sobre as crenças, uma influencia igual á sua.

O Templo de Heliopolis, foi com effeito o berço d'um conjuncto de doutrinas em relação com o culto do Sol, Rã, Harmachis, Toumou, seu Deus principal e do dogma do Cyclo de 9 divindades que espalhou-se em todo o Egypto.

O successo destas doutrinas foi obra de um collegio de Padres, certamente um dos mais antigos e que parece pelo menos ter tido privilegio de passar aos olhos dos Egypcios e mais tarde dos Gregos, pelo principal centro da alta cultura.

Fóra desta religião feita de uma theologia sabia, Oûnou tinha seu Deus popular, o touro Mnévis, que os padres por um principio de boa harmonia reconheceram pela incarnação do Deus Toumou.

O velho santuario de Rã de origem préhistorica, soffreu no correr dos tempos, muitas transformações.

Uma d'ellas sobre os reinados de Amenemhat I (o 1º Rei da XII dynastia) e de seu filho e successor Ousirtesen I, que por occasião de seu jubileu levantou dois obeliscos em frente do Templo (um dos quaes ainda existe, em parte soterrado, sem mais a cupula metalica superior).

A importancia tomada sob o novo Imperio Thebano, pelo grande templo d'Amon de Thebas não parece ter levado supremacia sensivel ao templo de Heliopolis, a julgar-se pelos documentos desta época, principalmente o grande papyrus Harri (do British Museum) mencionando as offerendas que lhe fez Ramsés III (XX dynastia).

Sabe-se que seu prestigio era ainda grande, no V seculo, antes de Christo, que elle attrahiu ao Egypto, os philosophos gregos, curiosos de vir estudar as sciencias em sua origem.

Herodoto tinha-o em grande conceito : Platão Eudoxio ahí permaneceram algum tempo.



Quando Strabão o visitou não era mais que uma ruína, no meio de uma cidade despovoada e um motivo de excursão para os viajantes. Bem longe de tentar reerguel-o, os Ptolomeus e os Romanos, exploraram-n'ó, como uma mina e transportaram suas columnas e seus obeliscos para Alexandria e Roma.

\*  
\*\*

Proximo a Heliopolis está situada a pequena Aldeia *Matarieh* o reverenciado e tradicional local da arvore e da fonte abençoadas, no qual abrigou-se a Santa Familia, ao tempo da cruel degolação dos innocentes.

Remotas tradições relatadas por grande numero de peregrinos, referem-se a esta arvore : uns, que a Santa Familia, sendo perseguida por malfeitos, o tronco da arvore abriu-se para lhe offerecer refugio; outros, que a Santa Familia não encontrando agasalho, a arvore abriu-se milagrosamente, desde as raises até metade do tronco, efferecendo-lhe morada, onde permaneceu por algum tempo. O certo é que a arvore da Virgem, assim denominada, foi venerada desde os primeiros seculos.

Uma circumstancia local attrahiu particularmente, a attenção dos primeiros christãos sobre esta arvore.

Perto de Matarieh, no grande Templo do Sól, de Heliopolis, havia uma arvore sagrada venerada por todos, o *Asht*, arvore da vida, sobre as folhas da qual, os deuses gravavam os nomes dos reis para a eternidade.

Não seria de admirar que a visinhança |dessa arvore celebre, tivesse estimulado os primeiros christãos a cercar de uma veneração publica, conservar com um cuidado extremoso a arvore de Matarieh, que havia abrigado com sua folhagem a verdadeira vida para a Eternidade, aquelle que segundo S. João, dizia : « *eu sou a vida.* »

Esta arvore, velho sycomoro, cujo tronco mede 7 m. de circumferencia é um dos successivos rebentos da primeira e conta mais de 200 annos de existencia.

Poderia ser ainda muito bella, se indiscretos peregrinos não retalhassem de continuo o velho tronco e colhessem as folhas accessiveis, o que por qualquer *bakchich*, facilitam os guardiães.

De qualquer forma que se queira encarar estas tradições, é certo que venera-se mais este local, onde sabe-se que a Santa Familia exilada permaneceu, que a arvore que o assignala.

Outro tanto acantece com a fonte, a mais celebre e edificante lembrança de Matarieh. Muitos documentos antigos, coptes, fallam desta milagrosa fonte alem do Evangelho apocrypho da infancia do Salvador (Cap. 24), relata nestes termos o milagre da fonte : Sahindo da Cidade dos idolos (Heliopolis) os divi-



nos exilados, foram a um sycomoro, em Matarieh, onde ao chegar Jesus fez brotar uma fonte, na qual a sua augusta Mãe lavou suas vestes.

Os mosulmanos, segundo todos os antigos autores veneraram sempre esta fonte, como dotada de uma virtude maravilhosa.

Uma tradição tão antiga constante e geral, não deixa em absoluto duvidar que a Omnipotencia Divina, n'ella se tenha de qualquer forma manifestado, jamais considerando-a como até hoje é, distincta das infiltrações do Nilo, neste solo de aluviões e longe das montanhas, onde as chuvas apenas humedecem o pó dos caminhos 8 á 10 vezes por anno. Nenhuma outra fonte existe ao norte de Matarieh, e ao sul, a mais proxima é a 35 kilom., a de Helouan, que recebe suas aguas dos planaltos situados entre o Nilo e o mar Vermelho onde as chuvas são mais abundantes.

Hoje duas grossas noras, movidas por bois, conduzem a agua á superficie, abastecendo a sua grande procura, não restando nenhum vestigio mais do pequeno tanque de marmore nem tão pouco da grande bacia de que fallam os peregrinos do XVI seculo.

Com esta agua é regado o Jardim do Balsamo, proximo, denominado pelos Arabes, o *Balsam*.

O historiador Flavio José, refere como uma tradição dos judeus, que entre os presentes trazidos a Salomão pela Rainha de Ethiopia se achava a planta de balsamo, até então desconhecida na Judéa e que propagou-se nos jardins de Engaddi, tornando-se uma fonte de riqueza. Alguns antigos autores christãos, dizem que nasceu da agua em que Maria banhou seu Divino Filho e lavou suas vestes.

Outros contam que Cleopatra o fez transportar d'aquelles jardins para este local onde vegetou durante 30 e tantos annos e só deu balsamo, depois que fora regado pelas aguas da fonte bemdita.

Assim pois, ha na historia de Heliopolis e Matarieh, factos que estão em harmonia com os planos divinos, figurando em primeiro lugar os detalhes da vida do Redemptor, particularmente seu exilio neste local. O patriarca José que segundo o Genesis casou-se com a filha de Putifar sacerdote de Heliopolis, sení duvida habitou nesta cidade. Moysés, brilhante figura do Redemptor, ao qual a escriptura chamou discipulo do Egypto, veio ao que se suppõe, estudar as altas sciencias em Heliopolis. Foi elle que quebrou no deserto do Sinai o bezerro de ouro, cujo culto os judeus tinham aprendido em Heliopolis, a exemplo do que se observava com o touro Mnévis.

E, segundo a prophécia de Isaias (Cap. XIX, I.): « Eis que o Senhor entrará no Egypto sobre uma nuvem leve, e todas as obras das mãos dos Egypcios (isto é os simulacros de falsos deuses) tremerão á sua vista ».



Nesta prophesia muitos santos Padres, viram uma allusão ao facto affirmado por uma antiga tradição, que os idolos de Heliopolis, caíram á chegada de Jesus nesta cidade. O Evangelho apocrypho de S. Matheus, tradusido por S. Jeronymo, conta o facto nestes termos :

« Os divinos viajantes, chegando ao Egypto, entraram em uma cidade chamada Satine (nome que compõe-se de *Sat*, o Baal, idolo ou deus dos reis pastores, e *ine*, que é a terminação do plural em hebreu ; Satine pois significa os idolos, ou a cidade dos idolos, nome pelo qual tambem fôra conhecida Heliopolis).

Não tendo onde abrigar-se, entraram no Templo chamado Capitolio do Egypto, onde havia 365 idolos, venerados todos os dias, os quaes nesse momento cahiram com o rosto em terra e quebraram-se, cumprindo-se assim a prophesia a que aludimos.

Aphrodisius, governador de Heliopolis, sabedor deste extraordinario facto, veio incontinente ao Templo, com suas tropas. Amedrontados ficaram os padres ao vel-o, suppondo vir contra elles vingar os deuses derribados, mas ao contrario, viram-n'ó approximar-se de Maria e adorar o Menino que ella trazia em seus braços ; depois do que, dirigindo-se a seus soldados disse-lhes : Se este menino não fosse um Deus, nossos deuses, não se teriam prostrado diante d'elle, reconhecendo-o assim por seu Senhor. Se não fizermos como elles, ficaremos expostos á sua indignação e á sua colera, morreremos como o Rei Pharaó, por ter despresado as advertencias do Senhor. »

Aphrodisius, que nessa época, segundo antigos autores, era ainda joven, converteu-se ao Evangelho depois da morte de Christo e foi ordenado 1.º Bispo de Beziers, por Sergius Paulus, apostolo de Narbonna.

Ainda o venesiano Marin Sanut, em seu livro, *Segredos dos fieis da Cruz*, apresentado ao Papa João XXII, em 1321, conta a historia de Aphrodisius e da queda dos 365 idolos, como tendo-se passado em Heliopolis.

Finalmente, a prophesia de Oséas, cujo sentido espiritual, segundo S. Jeronymo e S. Thomaz, se refere a Jesus, vem confirmar a sua estada em Heliopolis, como tambem o diz expressamente S. Matheus : « E José ficou no Egypto, até a morte de Herodes, afim de que seja cumprido o que o Senhor disse pela boca do Propheta : *Eu chamei meu filho do Egypto.* »

Um bem elegante templo catholico, edificado entre a area occupada outr'ora por Heliopolis e a actual Matarieh, assignala um dos principaes locaes da estada da Santa Familia no Egypto.

\*  
\* \*  
\*

Encaminhemos nossas observações agora, para *Memphis*, uma das mais antigas e grandiosas cidades do Egypto, a 20 kilom. do Cairo.



Se alguma cousa de sumptuoso, de extraordinariamente magestoso merecêra Alexandria, nessa remota antiguidade, muito mais fora Memphis, com o infinito esplendor de seus Palacios Reaes, a séde dos Pharaós.

Foi fundada pelo Rei Ménés e a lembrança desta fundação coincide com a dos grandes trabalhos hydraulicos emprehendidos para regularisar o curso do Nilo, e attribuidos egualmente a este Rei.

Foi uma cidade poderosissima e enorme! Tinha 10 kilom. de comprimento, 5 de largura, 28 de perimetro et 700.000 habitantes, praças, jardins, templos admiraveis, entre os quaes se distinguia o Templo de Serapis ou Serapeuon, que continha no seu hemicyclo 600 estatuas.

Memphis attingiu seu apogeu sob a 4ª dynastia e sua decadencia começou sob os dos reis da 7ª e 8ª, decahida de foros de Capital, nem por isso deixou de ser a maior cidade do Egypto e só Thebas graças ás suas conquistas, poude rivalisar com ella em esplendor e riqueza.

Expor as vicissitudes pelas quaes passou Memphis durante o periodo das guerras dynasticas até a invasão Persa, seria demasiado longo. Apenas diremos que foi uma das primeiras a soffrer os males da guerra, como a colher os beneficios da paz.

Desde a 8ª dynastia Memphis tinha-se mostrado a mais cosmopolita das cidades do Egypto. Os deuses da Asia n'ella tiveram seus santuarios, suas portas foram abertas aos judeus exilados em 586 et aos colonos jonios, 40 annos depois. Suas sumptuosas festas religiosas, sobre tudo a do Apis, attrahiam em certas épocas do anno, milhões de peregrinos e seu commercio reunia sem cessar, caravanas de estrangeiros vindos de todos os pontos da Africa e da Asia.

A decadencia de Memphis foi lenta e progressiva; mas começou a offuscar a sua grandeza a fundação de Alexandria e deu-lhe o ultimo golpe a do Cairo, depois da invasão Arabe. Apesar de tudo, tinha sido tal a sua monumental riqueza, que no fim do XII seculo, Abd-el-Latif, assim escrevia ainda, em sua descripção do Egypto: « Suas ruinas offerecem a quem as contempla um conjunto de maravilhas que confundem a intelligencia e que o homem mais eloquente tentaria em vão descrever. » Um seculo e meio depois, Aboul-Fèda, falla ainda da extensão das ruinas de Memphis.

A ruptura finalmente dos diques que a protegia contra as inundações do Nilo, em consequencia da incuria administrativa dos Mamloúks, transformou o que tinha sido a esplendorosa Memphis, na mais contristadora ruina, descoberta, a muito custo, pelos sabios que acompanharam a expedição do Egypto. Vêem-se hoje apenas algumas estatuas mutiladas, n'uma vasta planicie donde emergem



alguns montículos, além de duas pobres aldeias modernas, Mitrahin e Bedrechein.

\*  
\*\*

Vamo-nos occupar agora das *Necropolis*, que encerram por assim dizer uma parte preponderante das Artes Egypcias.

As pyramides occupam parte essencial, porque não são menos que Tumulos Reaes, e eram consideradas entre as sete maravilhas do mundo. Quasi todas ellas estão sobre a margem esquerda do Nilo e a maior parte na região comprehendida entre a ponta do Delta e o Fayoûm. O seu numero é incerto devido alguns destes monumentos acharem-se em adiantado estado de ruinas, sendo mesmo difficil descobri-los; contudo Lepesius, dá noticia certa de 67, mas o seu numero é consideravel.

O grupo mais importante é o de Gizeh, composto de 9 pyramides, sendo as maiores a de *Kheops*, chamada tambem a grande pyramide, a de *Khephren* e a de *Mykerinos*. A de *Kheops* mede actualmente 138 m. acima do nivel do solo, tendo de baze 227 m. de aresta 217 e 2.562.576 m. cubicos de volume, o que é realmente prodigioso.

Segundo Diodoro e Herodoto, o Rei Kheops, constructor deste colósso, fechou todos os Templos e prohibiu que se offerecessem sacrificios, depois obrigou todos os egypcios a trabalharem neste monumento.

A uns, impoz o trabalho de conduzirem as pedras, desde as pedreiras da cordilheira arabica até o Nilo, a outros, impoz a encargo de as transportarem desde o desembarque até á cadeia libyca.

Trabalhavam de cada vez cem mil homens, que se revezavam aos trimestres e deste modo levou 30 annos a construcção da pyramide, incluindo os 10 que se gastaram na da calçada por onde os materiaes eram condusidos. A tradição conservada por Herodoto, chega a representar Kheops, sem recursos e redusido a fazer dinheiro de tudo a ponto de vender sua propria filha para com o producto, terminar o monumento da sua loucura e da sua extravagancia.

A 2ª de Khephren, mede de altura 139 m., de baze 207 m. e de volume 1:903.275 m. cubicos. Este Rei não fez senão imitar seu Pai, predecessor; sua pyramide differença-se da 1ª alem das dimensões, em ter o primeiro degráu em marmore de Ethiopia e o sob solo não ser invadido pelo Nilo.

A 3ª de Mykerinos de altura de 53 m., baze 100 m. e de volume 179:182 m. cubicos. Este Rei ao contrario de seus predecessores, que tinham mandado fechar os Templos, foi um homem piedoso.

Sua pyramide custou menos trabalhos a seu povo do que as anteriores, se bem que ella era revestida até a metade de pedra negra de Ethiopia, de um



trabalho primoroso, e continha sobre a face meridional, o nome do Rei que poudo repousar em sua pyramide em quanto Kheops e Khephren, foram, d'ellas privados pelo povo, indignado dos máus tratos d'elles recebidos.

As pyramides conservaram o seu bello revestimento, quasi intacto durante toda antiguidade e a idade media, até que o Khalifa Almamoun, mandou despil-as aproveitando os seus melhores materiaes, no aformoseamento de bellos edificios da sua Capital.

A de Khephren, porem por muito tempo poupada, porque, o seu revestimento existia ainda em grande parte, na occasião da visita de Greaves em 1638, perdeu entre esta época e a chegada da expedição Franceza, restando apenas hoje no extremo superior uma parte, que mede mais ou menos até um quarto de sua altura.

Existem ainda além dos tres grupos das pyramides de Dachoûr, de Sakkarah e d'Alousir, muitas outras no Egipto dignas de attenção como Necropoles, subterraneas, encerrando verdadeiros engenhos da Arte egypticia entre ellas as de Mererouk e Serapeum, alem dos grandes grupos de tumulos dos Khalifas e Mamlouks. As cupulas das primeiras, situadas no meio das planicies desertas produzem um magnifico effeito e teem offerecido aos pintores e photographos assumptos para maravilhosos quadros, hoje tão vulgarizados, como a ponte dos suspiros ou o grande Canal de Veneza pois são modelos da architectura Arabe, a mais pura e formam para bem dizer um conjuncto monumental unico no mundo.

\*  
\* \*

A 400 m. a leste da 2<sup>a</sup> pyramide, encontra se a *Sphinge* — que é a representação colossal de um leão de cabeça humana e a imagem do deus — Harmakhouti (Harmakhis), o « Horus nos dois horisontes », ou propriamente a Sol illuminando os dois mundos.

Agachada e com a face levantada para o nascente é inteiramente talhada no rochedo, sobre algumas partes sobrepostas, mas que são visivelmente, restaurações de época posterior.

Penteada com o *klaft* e com o *uræus* na fronte, vêem-se ainda alguns traços de côr sobre seu rosto mutilado, entretanto sempre impresso de uma magestosa belleza. Seu comprimento desde as extremidades das patas de diante, até o principio da cauda, é de 57 m.; sua altura desde a solo até a parte superior do penteado, é de 20 m.; a face mede 5 m.; a orelha 1 m. 35 e o nariz 1 m. 70. Mariette, e a maior parte dos sabios, concordam em considerar a Sphinge, como o mais antigo dos monumentos que se acham sobre o planalto de Giseh.



Sphinge, é o nome de um monstro fabuloso de origem essencialmente egypcia e que só foi introduzido no mytho de CEdipo depois de Homero.

Parece que a Sphinge não teve nas crenças dos egypcios uma existencia real e que na historia deixou unicamente, traços de granito. E' representada de ordinario com a figura de um leão deitado com o tronco de homem e mais geralmente de mulher e algumas vezes com cabeça de carneiro.

Ainda hoje se encontram no Egypto muitas sphinges, sendo de todas a maior, a que ora tratamos.

Para os gregos a Sphinge era um monstro filho de Typhon e de Echidna, mandado por Juno, do fundo da Ethiopia para vingar nos Thebanos o rapto de Chrysippe por Lais, o qual ficara impune; outros a consideram instrumento da vingança de Marte irritado por haver Cadmo morto o dragão. A arte grega representa-a com a cabeça e peito de mulher nova, corpo de leão e azas de aguia e ás vezes com o corpo de cão e garras de leão ou com as garras de abutre e uma cauda de serpente.

Foi pouco depois de CEdipo haver dado a morte a seu pae que a Sphinge appareceu ao pé do monte Sphingio ou Phicio nos arredores de Thebas.

Ahi interceptando a estrada que conduzia á Capital da Beocia detinha os viandantes, propondo-lhes enigmas sempre obscuros, devorando todos aquelles que os não decifravam.

Foi assim que morreram, Hermon filho de Creon, Hippio filho de Eurynomo e muitos outros.

Um oraculo dissera a Sphinge, que morreria logo que alguém advinhasse um dos seus enigmas, mas entretanto, Thebas e os arredores estavam em grande consternação.

Foi então que CEdipo, que já tinha fama de grande sabedoria e agudeza, se offereceu para a solução commum affrontando o terrivel monstro. Qual é, disse a Sphinge, o animal[que tem quatro pés de manhã, dois ao meio dia e tres a tarde? e CEdipo respondeu logo : é o homem, que na infancia anda de rastos, a quem na virilidade bastam os seus dois pés e que na velhice precisa encostar-se a um bordão. O monstro então, furioso matou-se batendo com a cabeça n'um rochedo, segundo dizem uns, ou atirando-se ao mar segundo querem outros.

\*  
\*\*

Tambem é digno de attenção o *Templo de granito ou da Sphinge*, situado a 100 m. distante desta, descoberto em 1852 por Mariette, durante os trabalhos da desobstrucção do colosso. Comprehende uma area formada de duas galerias dispostas em forma de T. e com varios compartimentos, um dos quaes é reves-



tido de blocos de alabastro e outro contem 3 profundos nichos. Os pilares, as architraves, e enquadramentos das portas e janellas, são formados de bellos monolitos de granito roseo.

A ausencia da minima inscripção, ou de qualquer ornamento significativo, não permite descobrir a data de sua construcção e utilidade, ou se era templo ou tumulo.

A maior parte dos sabios consideravam-no como um monumento pré-historico e como tal mais de um seculo anterior ás pyramides; outros como Petrie, vêem n'elle um edificio construido pelo Rei Khephren.

\*  
\*\*

Duas palavras sobre o *Lago Menzaléh*, *Cidade Damietta* e as *Florestas petreficadas*. O Lago Menzaléh, antigo Taniticus, pode ser visitado em pequenos vapores, que regularmente fazem o serviço; é o maior dos lagos do Delta e tem de circumferencia 2.500 kilometros.

Muito irregularmente recortado em sua margem meridional, de continuo alterada pelo nivel variavel das aguas e a direcção dos ventos, apresenta vagamente a forma de um pentagono, comprehendido entre a bocca de Damietta ao N., Porto Sáyde ao N. E., El-Guantarah ao S. E., Es-Salihiyeh ao S. e Mansourah (em direcção somente) a Oeste.

Estê vasto lençol d'agua longe de ser uniforme, contem pantanos, donde surgem, aqui e alli, pequenos monticulos, mostrando ainda o local de antigas cidades.

E' sobre o mais septentrional destes, que eleva-se a pequena cidade de Menzaléh-el-Haiyit, e sobre a mais meridional a de San-el-Hagar e as ruinas de Tanis.

Em certas épocas, o lago é quasi literalmente coberto de uma admiravel diversidade de aves aquaticas, o que lhe dá um agradabillissimo aspecto.

\*  
\*\*

*Damietta*, situada na margem direita do rio, a 6 kilom. do mar, estende-se em semicirculo sobre a lingua de terra que separa o Nilo do lago Menzaléh.

Alem de suas 40 mesquitas, possui um convento latino de franciscanos da Terra Santa, igrejas Copta grega unida, orthodoxa e muitos outros edificios.

Na antiguidade chamava-se Tamiathis, e estava situada proximo á antiga bocca Phatinitica.

Os destroços de seus monumentos, columnas e fragmentos epigraphicos empregados nas construcções do periodo Arabe, não provam que esta cidade tivesse tido grande importancia.



Ella entra plenamente na historia no tempo das cruzadas. Os Sarracenos fortificaram-n'a no tempo de Saladino e fizeram ahi o seu baluarte de defeza.

Depois de ter resistido a duas invasões dos cruzados uma em 1196, outra em 1218, foi tomada no seguinte anno sendo evacuada 2 annos depois. Em 1249, S. Luiz apoderou-se d'ella quando seus habitantes a tinham abandonado e incendiado em parte. Estes, no seguinte anno, retomaram-n'a como resgate de S. Luiz, prisioneiro em Monsoûrah. Para fazer desaparecer a lembrança da occupação christã, como para abrigal-a de novos ataques, o Sultão Beibars, mandou demolil-a em 1251 e reconstruil-a mais a Oeste, onde se acha presentemente, tornando-se uma das cidades mais populosas e commerciaes do Delta.

\*  
\* \*

*Florestas petreficadas.* Dá-se este nome a um planalto arenoso proximo á montanha de Mokattam, onde encontram-se esparsos sobre o solo e ás vezes enterrados na areia, não uma floresta petreficada, mas fragmentos de troncos d'arvores, alguns de grossura consideravel, cuja madeira se transformou em substancia selicosa.

Estas madeiras fosseis são sobretudo palmeiras da especie *nicholia nilotica*, como ha tambem bambús e grandes gramineas.

Tem-se emittido sobre a origem destas petreficações diversas hypotheses, das quaes as duas principaes são : a silicificação de uma floresta préexistente neste lugar ou o transporte dos blocos pelo Nilo, ou por grandes correntes marinhas. A primeira hypothese, baseia-se na autoridade dos sabios Rosieres, Linant-bey e Itier, que affirmam ter visto troncos quebrados á flor da terra conservando ainda suas raises silicificadas como elles e ainda prezas ao grés do sub-solo.

Isto refere-se á *pequena floresta*, em quasi nada differente da *grande* situada a soffrivel distancia d'aquella.

\*  
\* \*

O assumpto do qual, ora passamo-nos occupar, é por sua natureza grandioso, e talvez um dos mais importantes do Egypto, cuja historia ainda no ultimo seculo, estava envolta em densas trevas e desfigurada por um sem numero de fabulas.

Procuraremos simplifical-o, e, acompanhando as narrativas de Ampere, sentimo-nos robustecidos d'animo em tão vasta como difficil tarefa.

*Thebas*, é pois o nosso assumpto.



Esta celebre cidade, está situada nas duas margens do Nilo, da qual se vêem ainda as ruínas, uma das mais monumentosas do mundo.

Data do XIV seculo, antes de Christo a sua fundação, por uma tribo sacerdotal vinda da Ethiopia e foi a Capital do Egypto no tempo dos reis da undecima á vigesima dynastia, que por isso se chamaram *dynastias Thebanas*.

Os Reis das primeiras dynastias viviam em Memphis e os das posteriores á vigesima escolheram de novo essa Cidade para Capital.

O esplendor de Thebas, diminuido um pouco pela invasão dos Hiksos (seculo XVII antes de Christo) augmentou muito no tempo dos Reis da decima setima á vigesima dynastia e alguns soberanos dotaram-n'a de gigantescos monumentos, que teem resistido á acção do tempo e dos homens.

Thebas, chamada *Tape*, pelos egypcios, *No Ammon* ou cidade de Ammon no Antigo Testamento e *Diospolis* pelos gregos, era chamada pelos antigos, a cidade das cem Portas, sem grande fundamento talvez.

Eclipsada por Memphis, depois que começaram a reinar as dynastias do Baixo Egypto, Thebas foi devastada pelos Persas de Cambyses e perdeu definitivamente a cathegoria de capital no tempo dos Ptolomeus, que estabeleceram a sua residencia em Ptolemais fundada por Ptolomeu Lago I.

No tempo do dominio Romano esta cidade passou a ser Capital da provincia da Thebaida, mas o bairro chamado cidade do Templo e correspondente á actual de Karnak, era a unica que tinha uma população consideravel. Os Arabes construíram no immenso espaço occupado pelas ruínas de Thebas, 4 cidades distinctas : Karnak e Louqsor na margem direita do Nilo e Medinet-Abou e Gournah na margem esquerda.

Passemos agora á descripção das ruínas de Thebas, tomando como ponto de partida *Karnak* : Depois de atravessar um bosque de palmeiras encontra-se um vasto pylono que não foi acabado e pelo qual se entra para um perystillo em cujo centro havia 12 columnas que todas, menos uma, foram derribadas por um terremoto.

Na frente vê-se um segundo pylono, construido deante da grande maravilhosa sala das columnas que se chama a *Sala hyposotyła de Karnak* e na qual se começa a experimentar o sentimento do gigantesco !

O terremoto fez cahir um dos massiços do segundo pylono que apresenta agora o aspecto de uma montanha que tivesse desabado.

Na presença destas ruínas não se pensa em nenhum monumento humano, pensa-se nas grandes catastrophes da natureza.

Uma estatua colossal e mutilada está ainda erecta na grande sala ; é a imagem de Ramsès o Grande. O espetaculo que se offerece aos olhos do visitante que entra na grande sala, excede tudo quanto se pode ver na terra e



Wilkinson não foi exagerado dizendo que essas eram as mais vastas e as mais esplendidas ruínas de todos os tempos antigos e modernos. A sala parece uma floresta de torres com as suas 134 columnas (algumas de 70 pés de altura, 11 de diametro) cobertas de baixos relevos e hieroglyphos com os capiteis de 65 pés de circumferencia.

A sala tem 309 pés de comprimento, quasi tanto como S. Pedro e mais de 150 de largura.

Nem o tempo, nem as duas raças de conquistadores que assolaram o Egypto, os Pastores povo barbaro e Persas povo fanatico, puderam abalar essa architectura immorredora, que se conserva ainda hoje tal qual era ha 3.000 annos na época florescente dos Ramsès !

Não era um templo, mas um vasto lugar de reunião destinado, sem duvida para as assembléas solemnes, a que se dava o nome de *Panegyrias*. A grande sala terminou-a Ramsès-Sésostris, mas tinha sido quasi toda construida por Sethos, cujas façanhas estão representadas nas paredes do edificio. Estes quadros formam uma verdadeira epopêa em baixos-relevos, da qual cada compartimento é um canto distincto e o heroe é o Pharaó Sethos.

Alem deste maravilhoso monumento, ha tambem outros, uns em ruínas, outros bem conservados, e comquanto não sejam comparaveis ao que acabamos de descrever resumidamente, são dignos de menção o obelisco coberto de hieroglyphos á esquerda da sahida da sala e depois, no meio dos destroços, os mais antigos edificios de Karnak.

Ahi foi o santuario dos primeiros pharaós, da decima oitava dynastia; ahi, um Rei muito mais antigo, Osartasen I, da duodecima, antes da invasão dos Pastores, deixou gravado o seu nome em columnas, que escaparam aos estragos da invasão, e ahi estão com effeito : « *os seculos amontoados sobre os seculos, como as ruínas sobre as ruínas.* »

Deixando á esquerda o Palacio e caminhando para o sul, encontram-se a certa distancia, uns dos outros, 4 pylonos dos quaes o 3º, coberto de magnificos baixos relevos, que Haro mandara erigir, e perto dos pylonos, fica um Templo do deus *Khus*, construido já no tempo dos successores do grande Ramsés II.

Notam-se ainda em Karnak tres pylonos gigantescos, que elevam-se a N., a S. e a Leste, como para guardarem estas ruínas de palacios, de Templos, de porticos, dominados pela sala das 134 columnas, do meio das quaes se levantam dois elegantes obeliscos. Do angulo sudoeste das ruínas de Karnak parte uma Avenida ornada de sphinges que se dirigia para o sul até ao Palacio de Louqsor. Estas sphinges, porem, em sua maior parte mutiladas e cahidas, não dão-lhe mais a grandeza e belleza de outr'ora.



\*  
\* \*

*Louqsor*, que em Arabe quer dizer os Palacios é como Karnak, um aggregado de monumentos de diferentes seculos, mas esse aggregado é menos consideravel e a chronologia mais simples de que são os principaes monumentos de Karnak. A parte mais antiga é obra de Amenophis III, que os gregos chamam *Memnon* e cujo duplo Colosso se eleva na outra margem do rio.

Estes colossos medem 15 m. 60 de altura, sem contar os 4 m. 30 do pedestal, tendo os pés mais de 3 m. de comprimento e um homem em pé attinge apenas a altura do tornoselo.

Amenophis construiu o santuario e o corpo principal do Templo ao qual Ramsés II, accrescentou 170 annos depois, os pylonos que formam a parte anterior d'esse edificio, mandando levantar igualmente os dois magnificos obeliscos que ficaram á entrada.

Os dromos que precediam a entrada do Templo estão hoje sepultados debaixo de um monte de ruinas e de areia, sobre o qual se'construiu a Villa Arabe, e ao presente, as primeiras construcções que se vêem ao sair da Villa, são os pylonos de Ramsés, diante dos quaes esse principe mandou erigir os seus dois obeliscos e as suas duas estatuas.

Estas estatuas feitas como os obeliscos, de uma só peça de granito vermelho, das pedreiras de Syene, estão enterradas de algum modo, por traz dos obeliscos e acham-se muito mutiladas.

Os dois obeliscos não eram eguaes em altura, tendo o maior 26 m. 06 e outro 23 m. 57.

Foi este ultimo que Mohamed-Ali, deu a França e que sendo transportado para esse Paiz em 1836 vê-se na praça da Concordia em Paris.

Depois de passados os pylonos, encontra-se um vestibulo rectangular de 59 m. por 52 m. cercado de duas ordens de columnas, que formavam uma galeria continua com largos terraços, mas hoje é difficil reconhecer exactamente a disposição antiga d'este vestibulo, porque existe ahi uma grande quantidade de casebres e porque foi ahi que as mosulmanos edificaram a sua mesquita.

Era este vasto perystilo e o pylono anterior que formaram os additamentos de Ramsés; e o resto das construcções, incluindo o pylono, que forma o fundo do vestibulo defronte do de Ramsés, pertencem ao edificio primitivo de Amenophis.

Assim seguem essas interminaveis series de columnas, porticos, templos, santuarios, inclusive o destruido por Cambyses, pintados e esculpidos com scenas religiosas e outros assumptos.



\*  
\*  
\*  
\*

*Gournach*, está situado na margem esquerda, defronte de Karnak, edificio muito mais simples e muito menos interessante que os anteriores. Visto de frente parece um templo grego e depois de passar dois pylonos isolados e uma avenida de sphinges, encontra-se um portico sustentado por 10 columnas e em seguida uma sala com seis columnas unicamente, em vez das 134 de Karnak, apesar de ter sido este monumento construido tambem nos reinados de Sethos et de Ramsés.

Caminhando para montante e um pouco para o interior, acha-se o Ramesen, que é como o Parthenon de Thebas. A Sala das Panegyrias ou assembleas solemnes é sustentada apenas por 30 columnas, mas apesar disso, é um monumento elegante e magestoso. A pequena distancia do Ramesen, e em parte enterradas no lôdo depositado pelo Nilo, vêem-se restos de columnas e fragmentos de estatuas gigantescas, que são restos do palacio de Memnon e do qual apenas existem hoje duas columnas intactas cobertas de baixos relevos e de inscrições. Continuando a seguir pela margem esquerda do rio encontra-se ainda um outro grupo de monumentos, Medinet-Abu, onde se vê como em Karnak a elegante architectura do tempo dos Tuthmés ao lado da magestosa dos Ramsés. Proximo a um pequeno templo de Thutmès II estão immensos edificios precedidos de um palacio que construiu Ramsés III.

Um grande pylono cujos baixos relevos e inscrições recordam as expedições d'esse principe, conduz a um primeiro vestibulo, guarnecido á esquerda por uma columnata, e á direita por uma galeria de pilares com figuras humanas.

Depois ha um outro pylono e um outro vestibulo com um perystillo sustentado por magnificas columnas e por soberbas cariatides, encontrando-se no meio d'esse espaço algumas columnas corinthias, restos de uma igreja Christã.

O monte que fica do lado occidental de Thebas está cheio de tumulos pertencentes a pessoas das classes mais elevadas da sociedade. O asylo sepulchral dos Pharaós era ainda mais mysterioso e mais affastado do mundo dos vivos e para o descobrir é necessario atravessar o monte de que acima fallamos, mas antes de lá chegar vê-se um grupo de ruinas interessante. Esse lugar tem o nome de El-Assaret e perto d'elle ha um tumulo aberto na rocha que tem tres andares e que é mais vasto do que os tumulos dos reis, apesar de ser o de um sacerdote chamado Retemenof. O espaço occupado por este tumulo é de 20.000 pés quadrados e com certeza nunca creatura alguma humana occupou depois de morto maior extensão.



Os monumentos funebres dos reis, ficam n'um valle paralelo ao Nilo e n'outro adjacente a elle, parecendo que o primeiro foi destinado para os soberanos da decima nona dynastia e o segundo para os da dynastia anterior.

Essas galerias, essas numerosas salas, com as paredes cheias de inscrições e de figuras de toda a especie, teem sido ultimamente estudadas com o maior cuidado e teem servido para recompor a historia do Egypto, carecedora de um certo cunho real.

De relance apenas, acabamos de passar as vistas sobre Thebas, o ninho, o encanto dos poetas e historiadores, cujas impressões de suas magestosas ruínas, são sem duvida mais que surprehendentes.

Tantos d'entre seus monumentos, verdadeiros primores d'arte, temos de deixar de parte, como o aspecto das risonhas margens do Nilo, na região Thebana, e suas possantes cataratas.

O decurso de Cairo a Thebas, é ainda por si só, um conjuncto de successivas surpresas de alto valor em todo estylo. Nesta ordem, contamos as pyramides de *Licht*, entre as quaes encontra-se a do Rei Ousistersen I; as de *Meidoum*, a falsa pyramide inclinada com 7 degráos em ruínas; *Dechacheh*, onde Petrie descobriu em 1897 importante necropole de 800 m. de extensão; *Samallout*, pequena, mas pitoresca cidade, cercada de verdejantes culturas; *Beni-Hasan*, um dos centros archiologicos mais importantes do Egypto, de um interesse capital ao ponto de vista da arte e historia sobre o primeiro imperio Thebano, e contem uma notavel necropole com 39 notaveis tumulos; *Antinoë* (Antonio) fundada pelo Imperador Hadriano, sobre as ruínas d'uma antiga cidade que Champollion, suppunha ser *Besa* ou cidade do deus *Bés*; Ruínas importantes de *Tell-el-Amorna*, que tira sua origem da tribo beduina *Beni Amran*, applicada hoje a parte oriental do territorio que o rei Amênthes IV, consagrara em soberania ao deus Aton e onde elle construiu sua nova capital, *Khoutaton*, já por sua vez em ruínas, mas de não pequena importancia e pouco distante d'aquellas; *Máabdèh*, proximo da qual acha-se a celebre *Grotta dos Crocodilhos*, distante 4 kil. da margem do Nilo, escursão que demanda certas precauções; *Siant* ou *Assiant*, uma das grandes cidades do Alto-Egypto, antiga capital do principado do *Terebinthe*, mais tarde dividida em dois nomes, e tinha por divindade principal o chagal *Aponaiton* — o guia dos caminhos, e nestas condições, a cada passo tem-se sob a vista assumptos subordinados ao antigo e ao moderno Egypto.

Uma preciosidade porem não pode escapar á nossa observação e é (finalmente) a Ilha de Philæ, situada entre Thebas e a 1<sup>a</sup> catarata, sob um céu de admiravel serenidade, no meio de uma decoração grandiosa de rochas de granito, reflectindo sobre as aguas do Nilo. E' o mais pittoresco e o mais ameno local



do vale do Nilo, o mimoso dominio da deusa Isis ; eleva acima de suas margens sombreadas de palmeiras, seus pylonos, suas numerosas columnatas realisando, com uma architectura bem adaptada á sua forma e extensão e o feliz contraste que ella apresenta com o aspecto do seu horisonte, uma destas paysagens encantadoras que só parece pertencer ao dominio da imaginação. De qualquer lado que se a observe, depois da travessia do deserto de Assanan, ou de outro local é admiravelmente bella.

\*  
\* \*

Ao fundo do golpho que os antigos chamavam *Heroopolite* ao norte do mar vermelho, está situado *Suez*, para onde convergimos agora nossas investigações.

*Suez*, como Cidade antiga pouca importancia merece, mas por sua posição é com effeito o ponto da affluencia do commercio em transitio do golpho Persico e do mar das Indias, ao Egypto e á Europa. As suas ruas, onde se misturam, mercadores e marinheiros europeus com uma multidão de exóticos vindos de todos os pontos da Asia, formam em certos momentos um vivo museu ethnographico. Mas o verdadeiro attractivo de *Suez* é o magnifico espectáculo que offerecem, com as aguas sempre asuladas de seu golpho, as duas regiões montanhosas que fecham seu horisonte, e são as primeiras cadeias da peninsula Sinaítica.

O porto de *Suez*, chamado porto Ibrahim, situado a 3 kil., é ligado á Cidade por um caminho de ferro que ramifica-se ao de Ismailya.

Este porto que é excellente e pode conter mais de 500 navios de todos os calados, possui um ancoradouro de 39 hectares de superficie protegido por diques d'um comprimento total de 2:310 m. com 1:600 m. de caes e docas.

A 12 kilom. ao sudeste de *Suez*, sobre a costa Este do golpho, nas proximidades das montanhas de Sinai, estão situadas as *Fontes de Moyses*, em um oasis, plantado de lindas palmeiras. Estas fontes são simples cisternas, de 2 a 3 m. de diametro. Uma dentre ellas foi revestida antigamente por trabalho de alvenaria.

Napoleão ao tempo de sua expedição ao Egypto, observou-as com attenção e julgou reconhecer que n'ellas fizeram os venesianos sua aguada, para abastecimento de suas frotas.

A 8 kilom. ao N. de *Suez*, proximo ao ponto em que a estrada dos peregrinos corta o canal d'agua doce, vê-se ainda os fragmentos de um monumento de granito com inscrições cuniformes e hieroglyphicas muito apagadas. E' um dos que foram erigidos por Dario sendo este, para perpetuar a lembrança da reabertura do antigo Canal dos Pharaós, que ligava o Nilo ao Mar-Vermelho.



\*  
\* \*

Vamos terminar nossa exposição tratando do canal de Suez e de suas gigantescas obras, merecendo-nos, antes duas palavras Porto Said, que depois de Alexandria é hoje o primeiro porto do Egypto.

Está situado á entrada septentrional do canal; é a séde do Governo Geral da Provincia do Canal, e tem 37.000 habitantes dos quaes 10.000 europeus, predominando o elemento francez. Por sua posição no ponto do encontro do caminho do levante e do Mar Vermelho, tem um movimento maritimo consideravel, sendo tambem um dos principaes depositos de carvão do mundo inteiro. De simples acampamento de barracas levantadas sobre estacas, com um pharol provisório, etc., transformou-se pouco a pouco à medida do avanço dos obras do canal. As areias provindas dos trabalhos de dragagem serviram para levantar o nivel do solo, onde bons predios substituíram as primitivas barracas, apparecendo como por encanto, magnificos estabelecimentos em todo genero, de forma que já em 1867, vinte e quatro navios faziam escala no novo porto e todas as potencias maritimas ahí estabeleceram seus pavilhões consulares, continuando até hoje em successivo progresso admiravel.

*Isthmo de Suez*, é a lingua de terra que unia os continentes asiatico e africano entre o Mar Vermelho ao Sul e o Mar Mediterraneo ao Norte, cuja largura em linha recta entre Pelusa e Suez era de 117 kilom.

Desde tempos remotos que houve a idéa de cortar esse isthmo para ligar por meio de um Canal os dois mares e Ramsés II o celebre Sosostres da antiguidade parece ter dado começo a esses trabalhos, que foram continuados depois por Nechao, Dario I e Ptolomeu Philadelpho, concluindo-se afinal no tempo dos primeiros Lagidas.

O Canal partia do braço oriental ou Pelusiaco do Nilo nas proximidades de Bubaste e findava em Arsinoé (Suez) no golpho arabico tendo 200 kilom. de comprimento, 10 m. de profundidade e a largura para dar passagem a dois trireres ao mesmo tempo.

Durante as revoluções que houveram no Egypto no tempo do dominio Romano, o canal foi abandonado e obstruiu-se, mas Trajano e Adriano fizeram-n'o outra vez navegavel e os Imperadores que se seguiram conservaram a obra até o principio do VI seculo.

Quando os Arabes conquistaram o Egypto no seculo VII, o canal não dava passagem. Amru-el-As, logar tenente do kalifa Omar mandou-o abrir, mas desde que os kalifas mudaram a Capital para Damasco como pretendiam fazer mudar o curso do commercio e encaminhal-o para o golpho Persico e Euphrates, abandonaram essa via e o kalifa Almansor em 775 mandou-lhe fechar a entrada.



Em seguida aos descobrimentos portuguezes de Bartholomeu Dias e Vasco da Gama, os venezianos por proposta de Niccolo de Conti, quizeram rasgar de novo o isthmo, mas não tiveram força para lutar com os sultões, que não admittiam os christãos nos seus estados.

Bonaparte quando esteve no Egypto encarregou o engenheiro Lepère, de estudar o modo de fazer a junção dos dois mares e em 1846, formou-se uma sociedade para levar a effeito a abertura do canal, mas nenhum desses projectos foi posto em pratica.

Finalmente Fernando de Lesseps, consul da França no Cairo, de 1831 a 1838, isto é, á época em que o ideal de Lepère já era conhecido, apaixonou-se por este empreendimento que apoderou-se d'elle como uma ideia fixa e tornou-se o objecto de sua continua preocupação.

Vencidas as primeiras opposições de Mehemet-Ali, e Abbas, que duraram 6 annos; obteve de Said-Pachá, a 30 de novembro de 1854 a 1ª concessão.

Effectuados os preliminares estudos, e submittidos a uma commissão internacional, foi firmado o acto definitivo de concessão em 5 de janeiro de 1856. Os trabalhos começados em abril de 1859, depois de questões diplomaticas, paralisações forçadas, a renovação do pessoal que attingira a 20.000 operarios, assentamento das grandes officinas em Ismáiliya, devastamento do operariado, occasionado pelo cholera, etc., tiveram fim em 17 de novembro de 1869, sendo inaugurados com grande solemnidade, á qual assistiram muitos monarchas: e uma frota de 48 navios de alta tonelagem transpoz pela 1ª vez o Canal.

Uma estatua colossal em bronze dedicada a Fernand de Lesseps, collocada á entrada do Canal, assignala sua gigantesca obra, digna com effeito da admiração e gratidão do mundo!

Se Alexandria por onde começamos, é assignalada pelo seu celebre pharol illuminando grande vastidão da região egypcia e o Mediterraneo, Porto Said tem o seu, determinando um dos mais monumentosos feitos do engenho humano.

\*  
\* \*

Aqui terminamos a nossa modesta conferencia, fatidica talvez, mas em assumptos que ella encerra, se vos resta este sentimento, a nós resalta o pesar de não vos saber melhor transmittir nossas gratas impressões de simples viajantes, sobre um Paiz como o Egypto, que estudando-o o sabio Herodoto perto de 60 annos, não o poudo entretanto, definir como desejava.

Não nos resta senão a satisfação de correspondendo uma gentileza, repetir e resumir o que nos dita a historia e ensinam os sabios sobre o mysterioso Egypto.



E assim pois :

« O Egypto ! E'o Nilo correndo magestosamente, aqui através dos desertos de areias douradas, alli no meio de bosques de palmeiras, e sobre suas ondas rapidas, vêm-se as velas brancas dos *dahabeaks*, onde os marinheiros arabes cantam alegremente.

Egypto ! São as pyramides, colossaes monumentos que resistiram aos seculos, as sphinges enormes, as ruinas immensas, as brancas e graciosas mesquitas, com seus altos minaretes, os tumulos phantasticos, donde sahiram sarcophagos em que repousavam as mumias cobertas de ouro e joias.

Egypto ! é a historia estudada no mesmo lugar, vivida, sentida, d'um grande povo que era já poderoso, milhares d'annos antes de nossa era.

Egypto ! são os bazares onde se encontram todos os productos do Oriente; são as essencias que deleitam, os moveis encrustados de marfim e madreperola, as tapeçarias sedosas, as armas arabes, as tamaras frescas e saborosas, as miragens que tanto impressionaram as tropas de Bonaparte, as caravanas a desfilar pelas infinitas areias dos desertos.

O Egypto é ainda o paiz mysterioso e encantador, que tantos annos de investigações, não poderam fazer conhecer por completo ao mundo. Paiz que se transforma e se renova sem cessar sob a influencia d'uma civilisação ardente, firmada nas antigas tradições.

E é finalmente nos vastos desertos do Egypto, no momento em que tendo como unico scenario a abobada celeste, sobre um oceano de areias, que nos sentimos maravilhados e ao mesmo tempo humilhados, e só uma ideia salvadora alimenta a alma : a grandeza da Providencia e seu infinito poder.





Vista do Cairo.





Ponte de Kasr e Nilo.





Arvore da Virgem.





As Pyramids.







SIGNAES ALPHABETICOS

	a	 	m	 	sh
	á				p
	â	 	n		k
	i	 	r, l		g
 	ou		h	 	t
	b		h		d
	p		kh		di dz
	f, w		s		



SIGNAES SYLLABICOS

	ib,ab		ouas		aoubub
	a,oup		ous		nfr
	in,an		out		nm,nzm
	in,an		ouaz		nn
	ir,ar		ba		ns
	is,as		pa		ntr
	aa,á		pr		nz
	ion,aou		ph		pkhr
	ab		má		rs
	ankh		ma		rt
	aq		mn		ha
	oua		mr		ahaha
	ona		mh		hou,bh
	oun		ms		hb
	our		mt		hp
	ouah		nou		hm



SIGNAES SYLLABICOS

	hn		sm		kp
	hr		sn		ta
	hs		sk		ti
	hz		st		tp
	kha		stm		tm
	kha		stp		outn
	khou		sha		tr
	klpr		shou		ts
	khn		shp		dou
	khn		shn		
		shs		db	
	klar		shd		dm, dmz
	sa		ka		szm, tu
			km		d, d
			qs(?)		za
	sou		qd		zr



SIGNAES DETERMINATIVOS

	O HOMEM E A MULHER EM GERAL		A FORÇA ARMADA
	OS DEUZES E AS DEUZAS		A QUEDA, O DEFEITO A DISSIMULAÇÃO
	OS REIS E OS ANTEPASSADOS		A ADORAÇÃO
	OS CHEFES		A EXALTAÇÃO A AL- TURA, O CONTENTAMEN- TO
	AS PESSOAS DE DISTINÇÃO		A CABELLEIRA, A AP- PARENCIA, A TRIS- TEZA
	EMBALSAMENTO, RITO IMAGENS, PLASTICA		A LAGRIMA, A DÔR
	A INFANCIA, JUVEN- TUDE O REMOÇAMENTO O VERDOR		AVISTA, O SOMNO
	A VELHICE		A APPETENCIA
	A PALAVRA, O PENSA- MENTO, A ALIMENTAÇÃO		O OLFACCTO, A RESPI- RAÇÃO, O CONTENTA- MENTO
	O TRABALHO, A CARGA		O PERFUME
	A CONSTRUÇÃO		O OUVIDO, A AUDIÇÃO
	O REPOUSO		A FORÇA, A ACCÃO


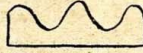


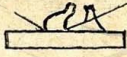


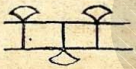
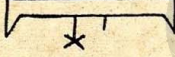


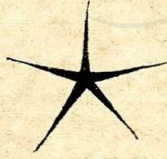


SIGNAES DETERMINATIVOS.

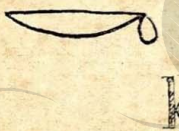
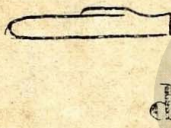
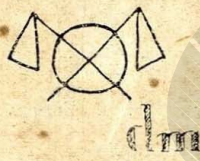
	A NEGAÇÃO A PROHIBIÇÃO		A MADEIRA
	AMARCHA A VOLT A		AS FLORES, A VEGETAÇÃO EM GERAL
	A LUXURIA		OS GRÃOS AS SEMENTES
	O GADO.		OS LIQUIDOS, AS BEBIDAS, OS UNGUENTOS
	AS AVES, OS INSECTOS		EMBALSAMENTO AS MATERIAS GORDUROSAS
	A PEQUENHEZ, A IMPIEDADE		OSTECIDOS
	OS REPTIS		A PEDRA
	AS ARVORES		OS EDIFICIOS



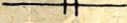
















SIGNAES DETERMINATIVOS

	<p>OS METAES</p>		<p>AS MONTANHAS, O DESERTO, OS PAIZES EXTRANJEIROS</p>
	<p>A ESCRIPTURA, A PINTURA</p>		<p>O FOGO</p>
	<p>OS LIVROS, AS IDEAS ABSTRACTAS</p>		<p>A AGUA, A INUNDAÇÃO</p>
	<p>AS BARCAS A NAVEGAÇÃO</p>		<p>O CEO</p>
	<p>O VENTO, A RESPIRAÇÃO</p>		<p>A CHUVA, O ORVALHO</p>
	<p>OS CAMINHOS</p>		<p>A OBSCURIDADE</p>
	<p>AS CIDADES</p>		<p>O SOL, AS DIVISÕES DO TEMPO</p>
	<p>OS NOMES</p>		<p>AS ESTRELLAS, AS HORAS</p>

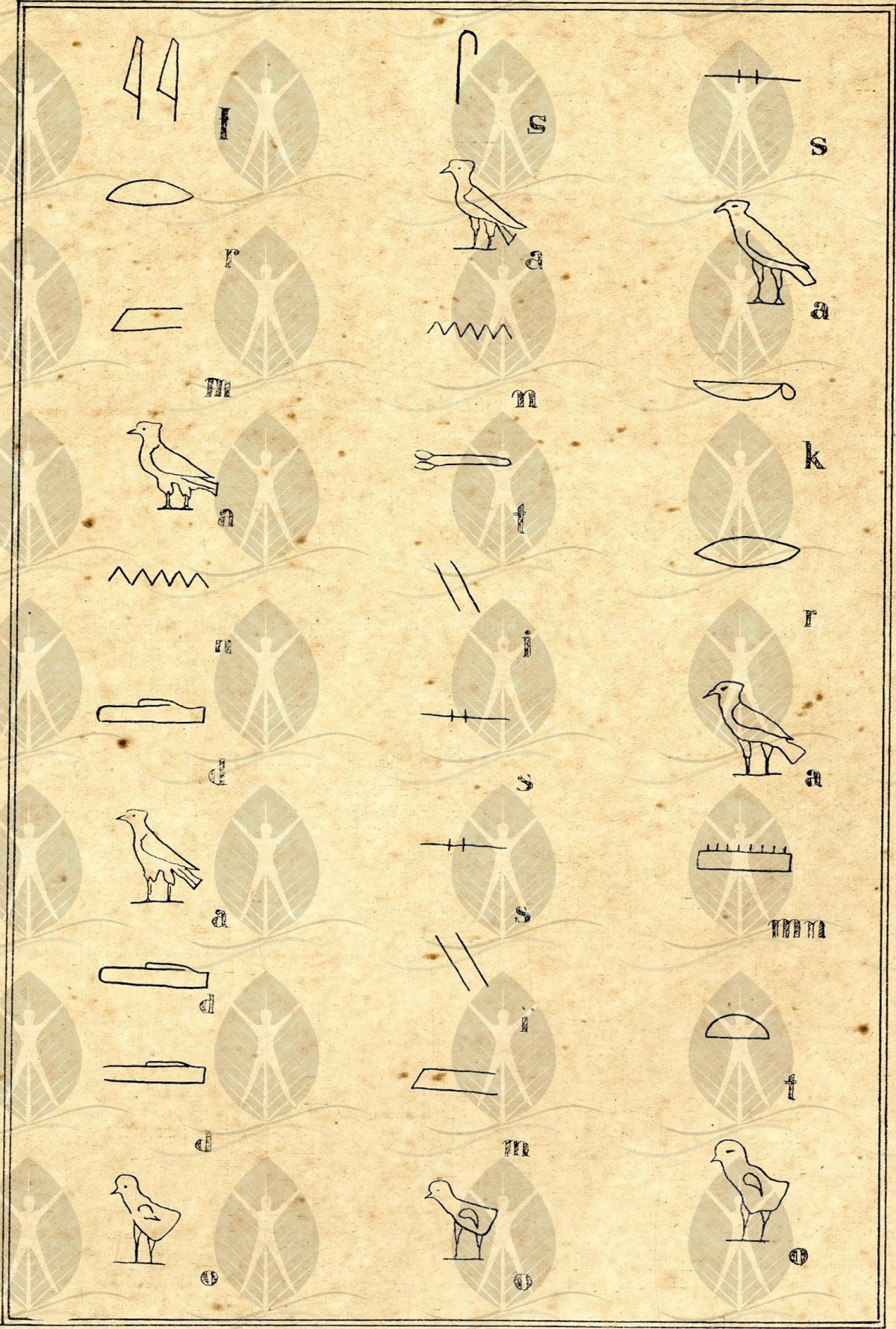







		
I	S	Pa
		
r	as	u
		
m	e	l
		
a	v	o
		
n	i	M
		
a	s	a
		
a	sn	n
		
a	ti	a
		
a	a	e
		
		c









Paris. — Imp. PAUL DUPONT (THOUZELLIER, dir.), 4, rue du Bouloi. — 1091.9.12





## AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)



Secretaria de  
**Estado de Cultura**



CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA